

**DA DUPLA MORAL SOCIAL AO SACRIFÍCIO VICÁRIO EM A DAMA DAS
CAMÉLIAS, DE ALEXANDRE DUMAS FILHO, E LUCÍOLA, DE JOSÉ DE
ALENCAR**

César Martins de Souza¹
Gutemberg Armando Diniz Guerra²
Neide Maria Fernandes Rodrigues de Sousa³

Resumo: Esse artigo analisa a dupla moral social e o sacrifício vicário nos romances *A dama das camélias*, de Alexandre Dumas Filho, e *Lucíola*, de José de Alencar. Ambos trazem autores masculinos abordando sobre as relações entre cortesãs de luxo e sua abastada clientela, em duas emblemáticas cidades. O grau de elaboração dos textos, com riqueza de detalhes e caracterizações, demonstra o quanto a literatura é importante para problematizar sobre a realidade de grupos sociais envolvidos em práticas relacionais marcadas por uma dupla moralidade que expõe a hipocrisia das sociedades brasileira e francesa do século XIX.

Palavras-chave: Prostituição. Mulheres na literatura. Cotidiano. Século XIX.

Abstract: This article analyzes the dual social morality and vicarious sacrifice in the novels *the lady of the camellias*, by Alexandre Dumas Filho, and *Lucíola*, by José de Alencar. Both feature male authors addressing the relationship between luxury courtesans and their wealthy clientele, in two emblematic cities. The degree of elaboration of the texts, with richness of details and characterizations, demonstrates how important literature is to discuss the reality of social groups involved in relational practices marked by a double morality that exposes the hypocrisy of Brazilian and French societies in the 19th century.

Key words: Prostitution, Women in literature, Daily, 19th Century

¹ Doutor e Pós-Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia e do Campus de Bragança, ambos da UFPA. Editor-Chefe da Nova Revista Amazônica/UFPA. Investigador Externo do CEAR/Universidad de Quilmes-Argentina.

² Professor associado da Universidade Federal do Pará (UFPA). Engenheiro agrônomo (UFBA), especialista em Métodos de Planejamento Urbano e Regional (SEPLANTEC-BAHIA), Mestre em Planejamento do Desenvolvimento (PLADES-NAEA-UFPA), Doutor em Socioeconomia do Desenvolvimento (EHESS-Paris). Pós doutor (Columbia University - New York/USA).

³ Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal do Pará- UFPA.

INTRODUÇÃO

Por volta do final do século XX, todos aqueles que tiveram a oportunidade de cursar História ou Ciências Sociais se depararam em algum momento com debates sobre a análise de obras literárias para compreender a sociedade. Os debates perpassavam sobre a necessidade de compreender as obras literárias como são compostas por personagens fictícias, mas que poderiam contribuir para compreender outras temporalidades (BELLO, 1998).

João Alfredo Dal Bello discute várias possibilidades de leitura dos textos, adentrando em um debate que enfrentava fortes oposições, seja pela recepção dos leitores ou pela análise dos significados presentes nas narrativas, pois os escritores escrevem em determinado tempo. O referido autor expressa preocupação com as vozes que se erguem contra esse diálogo, “[...] lamentando que a história só tem a perder em não considerar seu parentesco com a escrita literária” (BELLO, 1998, p. 26).

O historiador francês Pierre Nora (1993), em seu clássico e consagrado texto sobre os lugares da memória presentes na sociedade, que marcou época entre pesquisadores e pesquisadoras de diversas áreas, lembra que a literatura juntamente com a história é uma das formas mais destacadas de manifestação da memória. Para ele, a literatura é também um dos mais significativos lugares da memória existentes na sociedade, pois abre possibilidades para se pensar sobre diversas temporalidades, a partir de outros olhares. Em trabalho sobre a representação de povoados rurais na literatura romanesca das décadas de 1950 e 1960 na França, Rose-Marie Lagrave (1980) reflete sobre como esses ambientes aparecem nas obras e atribui essa escolha ao fato de os autores terem origens associadas a esses espaços.

As duas obras analisadas no presente artigo, clássicos da literatura brasileira e universal, permitem direcionar este outro olhar sobre um monumento da memória que convida o leitor a se colocar dentro das narrativas e vivenciar as dores, os desafios, os paradoxos e as difíceis decisões de cada personagem. Não refletem o tempo, mas permitem rememorá-lo e problematizá-lo, a partir da escrita masculina para tentar entender um pouco da força e do cotidiano das protagonistas femininas em um mundo que as relegava à condição de excluídas que elas se recusavam a aceitar.

Deste modo, as ações de Lúcia e Marguerite nos colocam dentro do universo por

elas vivenciado, no sentido de buscar compreender as teias políticas no cotidiano da prostituição, nas cortes brasileira e francesa no século XIX. Maria Izilda Matos (2013, p. 6) discute as transformações que os estudos de gênero e sobre mulheres provocaram na análise social, concluindo que “[...] a redefinição do político no âmbito do cotidiano contribuiu para o resgate das experiências femininas, restituindo a elas a sua própria história”.

As duas protagonistas desafiavam os estereótipos. Escolhiam os homens com os quais se relacionavam usando artifícios para assegurar sua autonomia, eram vistas como alvos das sanções de uma sociedade que se pautava em um duplo padrão moral, um para os homens e outro para as mulheres, e circulavam em ambientes das elites. Tanto Lúcia quanto Marguerite buscavam espaços nas fímbrias políticas do poder para tentar viver autonomamente, ainda que sofrendo um processo de discriminação e exclusão em obras que trazem no sacrifício vicário⁴ a redenção para a transgressão social em sociedades marcadas por um duplo padrão moral.

SOCIEDADE E PROSTITUIÇÃO EM *A DAMA DAS CAMÉLIAS*

Em 1848 foi publicado pela primeira vez, na França, *A dama das camélias*, romance que viria a ser um dos mais respeitados da história da literatura universal, de autoria de Alexandre Dumas Filho. O autor era filho do conceituado escritor francês, Alexandre Dumas que, antes de se tornar famoso, “[...] aos vinte e quatro anos, teve um filho com Laure Labay, Alexandre Dumas Filho, só reconhecido anos depois, e que, assim como o pai, se tornou escritor” (SILVA, 2019, p. 282). No Brasil, a obra dos dois escritores famosos, pai e filho, Alexandre Dumas, foi publicada nas décadas de 1940 e 1950 pela editora Saraiva, em produções editadas a baixo custo, com o objetivo de popularizar essa obra no Brasil, o que rapidamente atingiu seu objetivo.

A dama das camélias foi adaptada para o cinema, em 1936, em uma grande produção de *Hollywood*, estrelada pela celebrada atriz Greta Garbo. Também passou por diversas adaptações para ópera, dança e teatro, como na versão que veio a ser apresentada

⁴ O sacrifício vicário é uma doutrina fundamental do cristianismo, pois é fundamentada na crença de que Cristo, que seria Deus em forma humana, ofereceu sua morte para redimir a humanidade e lhes garantir o direito à vida, à despeito dos desvios ético-morais em sua conduta. Sobre o tema, consultar, SCHOENBORN (1995).

em diversos teatros brasileiros, tendo como atriz principal Sarah Bernhardt, com grande repercussão, em 1886⁵.

Sílvia Pereira Santos (2008) considera *A dama das camélias* um drama moral e a maior obra de Dumas Filho. Para Terezinha P. da Nóbrega (2016, p. 287), essa obra veio a ser reconhecida pela crítica em diferentes linguagens artísticas, como dança, música, teatro e cinema, a partir de um romance que “[...] constitui-se, de fato, um documento social desconcertante sobre o amor, a virtude, a prostituição, o luxo e os costumes de uma época”.

Amor, virtude, luxo e prostituição são temas explorados com destaque na narrativa sobre a vida de Marguerite Gautier. Defini-la como uma cortesã seria diminuir a complexidade desta personagem que possibilita a problematização da sociedade francesa do século XIX, quando se reservava às mulheres das camadas populares apenas alguns espaços pelos quais lhes seria permitido transitar e nos quais poderiam obter meios para sua sobrevivência.

O romance é marcado pela crítica social às situações vivenciadas por Marguerite, sobretudo quando coloca em paralelo ao drama da personagem a moralidade presente na sociedade, que se exigia das elites, com as visões das camadas economicamente mais ricas sobre mulheres como a protagonista. Exige-se um padrão moral das elites, muitas vezes construído às custas da exclusão e preconceito contra mulheres das camadas populares, como as cortesãs.

Em um diálogo entre os protagonistas Marguerite Gautier e Armand Duval, ela “tranquiliza” o rapaz, ao lembrá-lo de que não deveria se preocupar com sua condição, posto que perante a sociedade é uma pessoa considerada indigna de cuidados e atenções:

Oh! Esteja tranquilo, eu não vou lhe dizer que sou filha de um coronel reformado e que tenha sido educada em Saint-Denis. Sou uma pobre moça do campo e nem sabia escrever meu nome há seis anos (DUMAS FILHO, 1953, p. 103).

Ela argumenta que uma pobre moça do campo, que não descende de famílias estabelecidas nas camadas mais ricas da sociedade, não mereceria o respeito de um homem como ele. Essa é a mesma visão de seu amigo quando demonstra sua “preocupação” com Armand, por suas cerimônias apaixonadas dirigidas à Marguerite. O

⁵ Sobre a viagem de Sarah Bernhardt ao Brasil atuando em *A dama das camélias*, consultar <http://memoriasantista.com.br/?p=1649>. Acesso em 12 de outubro de 2020 e Rondinelli (2013).

amigo lhe lembra sobre a “importância” de não pensar em Marguerite como se fosse “[...] uma duquesa, é simplesmente uma mulher da vida, tudo que há de mais livre meu caro; não faça cerimônias pois, e diga tudo que lhe passar pela cabeça” (DUMAS FILHO, 1953, p. 49).

A posição social que sua família ocupa na sociedade e o fato de ser uma “mulher da vida” a desqualificariam e a tornariam indigna de cuidados e atenções mais educadas por parte de homens como Armand. Embora homens das elites estabeleçam relações sexuais e afetivas com cortesãs, seu amigo o lembra de que ela não deve ser tratada com respeito ou deferência.

Estudando a sociedade francesa do século XIX, Michelle Perrot (1992) afirma que às jovens das elites se exige que saibam desenhar, cantar, tocar piano e fazer breves comentários espirituosos para seus admiradores, mas não adentrar em assuntos da política ou permitir proximidade física com os homens. Às cortesãs caberia o papel social de mitigar os desejos dos homens das elites, que poderiam manter a sua própria moral, bem como a das mulheres de sua classe, ao mesmo tempo em que se relacionavam física e afetivamente com as cortesãs, sem, contudo, vê-las como mulheres que deveriam ser tratadas com educação e dignidade.

Armand transpõe então os limites socialmente aceitos pela sociedade francesa do século XIX, ao se envolver romanticamente com Marguerite e, conseqüentemente, abrir mão da conduta preconceituosa e excludente que se esperava dele. Seu pai demonstra indignação, pois sua atitude pode “comprometer o nome da família” e colocar em risco os planos para que sua irmã se casasse em breve com um homem de uma família aristocrática. Mas esse suposto respeito é pautado na hipocrisia do sacrifício das pessoas socialmente excluídas, como Marguerite, a heroína da trama de Dumas Filho. O pai de Armand, ao chamar sua atenção para os riscos de seu romance, expõe as entranhas da dupla moral estabelecida socialmente, uma para as relações entre as elites e outra para as relações destas com as camadas populares:

Vou explicá-las. Que você tenha uma amante, está muito bem; que você lhe pague, como um homem galante deve pagar o amor de uma mulher da vida, não pode ser melhor; mas que você esqueça as coisas mais santas por ela, que permita que o rumor da vossa vida escandalosa chegue até o fundo da minha província e que lance a sombra de uma nódoa sobre o nome honrado que eu lhe dei, isto não pode ser, eis o que não acontecerá (DUMAS FILHO, 1953, p. 151).

Ter relações sexuais com Marguerite é permitido socialmente e não macularia o “honrado” nome da família, mas estabelecer um enlace amoroso com uma cortesã iria desonrar o nome da família. É uma dupla moral que exclui e, ao mesmo tempo, considera mulheres de camadas populares potencialmente ideais para relações sexuais, mas indignas de afeto e respeito. Magali Menezes observa que a palavra das mulheres não é respeitada, sobretudo em períodos anteriores da História:

A palavra das mulheres não tem memória; por isso, toda vez que uma mulher fala parece ter sempre a necessidade de se justificar, reinando seu discurso como se partisse do nada.

(...) A história é feita por homens e mulheres, mas, definitivamente, apenas quem possui o direito de pronunciar-la são os homens (MENEZES, 2004, p. 125).

Embora os homens se envolvam sexual e afetivamente com cortesãs, não lhes é permitido tratá-las com respeito, atenção e amor. Estes valores nem mesmo cabem, em sentido mais amplo, às mulheres das elites, pois, como afirma Michelle Perrot (1992), às mulheres cabiam lugares sociais específicos que não passam pelos níveis decisórios da família e da sociedade como um todo, em uma sociedade na qual, como afirma a autora, se tratava homens e mulheres de modo tão diverso que os fazia parecer de espécies diferentes.

Marguerite padecia do mal do século XIX, a tuberculose, que vitimou tantas pessoas naquele momento, inclusive ela mesma, mas, mesmo na morte, a desigualdade é reafirmada, pois os parentes de outros mortos rejeitam a presença da sepultura de uma cortesã. Muitos chegam a afirmar que elas e outros socialmente excluídos deveriam ter um lugar separado para o enterramento:

Quando os parentes das pessoas que estão enterradas ao lado dela tomaram conhecimento de quem ela era, inventaram de dizer que se oporiam a que a pusessem aqui e que deveria haver terrenos separados para esta categoria de mulheres como para os pobres (DUMAS FILHO, 1953, p. 34).

Em seus estudos sobre a prostituição no Brasil e em Portugal, Luiz Saraiva (2014) adentra outros momentos da História para dialogar sobre a negatividade atribuída às prostitutas, associadas à transgressão e às doenças. O autor argumenta que “[...] a prostituição, além de uma impossibilidade radical de identificação positiva, carrega o peso moral de ser encarada como algo mais próximo do crime e da ilegalidade” (SARAIVA, 2014, p. 122). O autor, em estudo anterior (SARAIVA, 2002), destaca a

necessidade de se transpor e contrapor os olhares etnocêntricos, para que se possa enxergar as mulheres que trabalham na prostituição em Belém do Pará, transitando em diferentes espaços como a igreja, o cabaré, os comércios, casas de parentes, em sua condição humana, como pessoas com direitos à sua individualidade e ao convívio social.

Na visão de Ítalo Tronca (2005), muitas moléstias são carregadas de preconceitos na História, sobretudo porque muitas vezes são associadas a determinados grupos e segmentos da sociedade. Assim, se debatermos com Luiz Saraiva, podemos associar a negatividade moral imposta às prostitutas a outro estigma que lhes está relacionado: elas como depositárias de doenças. A literatura traz então estes elementos para se pensar os preconceitos existentes na sociedade. Ítalo Tronca argumenta que:

Quer dizer, seja os fenômenos biológicos como a doença, materiais ou puramente imaginários, as narrativas literárias e científicas deslocam-se do seu referente concreto e instituem uma outra coisa, um ser carregado de significados que remetem a culpas e pecados, preconceitos raciais, sexuais e políticos, ocultos nas dobras da memória e configurando uma História invariavelmente marcada pelo delírio e o advento do imprevisível (TRONCA, 2005, p. 215-216).

As culpas morais, bem como os preconceitos, manifestam-se na doença, de modo que mesmo a morte é lugar para separações sociais. O autor relaciona a História com as narrativas literárias, considerando que por se constituírem em obras de ficção construídas socialmente trazem um olhar sobre os preconceitos, culpas e pecados presentes nas dobras da memória. *A dama das camélias*, de Dumas Filho, traz a redenção da heroína pelo sofrimento imposto pela doença, e a conseqüente morte, além do fato de renunciar a si mesma, ao abrir mão de seu amor por Armand em favor da irmã dele e da “honra” da família do amado.

A morte a redime de sua vida considerada fora dos padrões morais socialmente aceitos, mas expõe as entranhas da hipocrisia da dupla moral social, que exclui grupos, segmentos e indivíduos, na vida e na morte, desconsiderando inclusive o sofrimento alheio, que somente ganha algum significado quando assume a função de um sacrifício vicário em favor das elites, como ocorre em *A dama das camélias*. Ângela Porto (2007, p. 46), em seus estudos sobre doença e literatura no século XIX, afirma que “[...] o tema da relação entre a tuberculose e os traços psicológicos e morais do sujeito doente fez fortuna na literatura”.

Porto dialoga sobre o estigma presente na doença que torna os tuberculosos dignos

de censura no século XIX e, por isso, Marguerite Gautier torna-se duplamente censurável, mas, em seu caso, os sofrimentos provocados pela doença, sua renúncia em nome de outra pessoa e sua morte a redimem, transformando-a em uma das grandes heroínas da literatura do século XIX, na França, ao mesmo tempo em que expõem a exclusão, os preconceitos e a hipocrisia presentes na sociedade.

LUCÍOLA, MARGUERITE E AS ENTRANHAS DA DUPLA MORAL SOCIAL NO SÉCULO XIX

As sociedades ocidentais no século XIX, tanto na Europa quanto no Brasil, vivenciavam uma dupla moral sexual, uma para as mulheres das elites e outra para as mulheres das camadas populares, sendo que os homens funcionavam como uma espécie de elo que possibilitaria a interlocução entre os dois universos, por serem partícipes das duas esferas. Clarisse G. Paradis (2018) lembra que esta dupla moral criou uma visão segundo a qual a prostituição seria necessária para evitar tensões sociais e também para construir um espaço social de trânsito para os homens em suas condutas sexuais, sem atingir a “honestidade” das mulheres das elites:

A ideia de que a prostituição era um mal necessário, já que protegia a pureza e virtude das mulheres “honestas” diante da sexualidade incontrolável e insaciável dos homens, vai sendo contestada por uma visão de que a sociedade como um todo se beneficiaria de um maior controle sexual dos homens e também do reforço da monogamia e do sexo marital entre eles (PARADIS, 2018, p. 2).

A fala do pai de Armand, quando o repreende por buscar um envolvimento amoroso com Marguerite, compreende esta visão, pois ele poderia ter relações sexuais com ela, sem que ferisse a honestidade de sua irmã; mas, ao buscar algo além disso, passa a macular o nome da família provocando escândalos e ferindo a sua moral. A literatura de Dumas Filho traz assim a crítica à hipocrisia social, bem como a práticas que estabelecem uma lógica moral definida de acordo com o gênero, renda e posição social.

Tanto em *Lucíola* quanto em *A Dama das camélias* temos essa moral exposta, contudo na obra de José de Alencar não se evidencia uma crítica à sociedade, diferentemente da obra de Dumas Filho em que a voz da protagonista, mesmo quando parece criticar a prostituição, traz em seu cerne uma provocação à reflexão sobre o lugar que a sociedade reserva às mulheres que vivem desta atividade:

Estou cansada, por fim, de ver sem cessar gente que vem me pedir a mesma coisa, que me paga e que se acredita quite comigo. Se aquelas que começam nosso vergonhoso ofício soubessem o que é isto, far-se-iam mais depressa camareiras. Mas, não; a vaidade de ter vestidos, carruagens, diamantes, nos encadeia; acredita-se no que se escuta, porque a prostituição tem sua fé e usa pouco a pouco o coração, o corpo, a beleza; é-se temida como uma besta fera, desprezada como um pária, ou se é cercada de gente que toma sempre mais do que se lhe dá, e se vai um dia a enterrar como um cão, depois de ter perdido os outros e de se ter perdido a si mesma (DUMAS FILHO, 1953, p. 85-86).

Elas não poderiam nem ao menos ser enterradas juntamente com outras pessoas pois, como afirma Luiz Saraiva (2014), a prostituição é vista como trazendo inerentemente o cheiro do pecado e da doença. Na visão de Ítalo Tronca, a literatura se constitui em um campo que muitas vezes, ao longo da História, traz o diálogo entre moralidade, doença e cultura. Em sua análise, “[...] a moléstia permaneceu como uma poderosa imagem literária [...]” (TRONCA, 2005, p. 208).

As duas obras literárias trazem a moléstia, a moral social e a prostituição como temas intimamente relacionados. Em ambas as obras há o tema do sacrifício vicário da protagonista em favor de outra pessoa, a irmã de Lucíola e a irmã de Armand, através da doença e morte. Essa redenção pela morte substitutiva que salva a outra pessoa é um tema forte no cristianismo (SCHOENBORN, 1995) e que nas duas obras funciona como elemento libertador das heroínas, contudo, com os homens sendo colocados em campo moral diferente das mulheres. No mesmo sentido, Michelle Perrot (1992) vê os homens e as mulheres dos séculos XVIII e XIX como fazendo parte de campos diferentes de práticas, normas e códigos morais na sociedade.

Clarisse G. Paradis problematiza a dupla moral, como, na prática, jogando as mulheres para uma espécie de limbo, fora do plano moral, pois seriam transformadas apenas em cumpridoras das normas sociais:

A imposição da castidade, requerida apenas das mulheres, acabava por legitimar que aquelas que a violassem fossem rechaçadas pela sociedade, tendo como destino a atividade da prostituição. Agravavam a situação o despotismo do poder paterno e a indissolubilidade do casamento, que gerariam opressão e infâmia (PARADIS, 2018, p. 5).

Como as mulheres das camadas populares não conseguiam acesso aos meios socialmente aceitos para se estabelecerem, em sociedades que as colocavam na condição de tuteladas pelos homens, o que, em geral, lhes restava eram os espaços de

subalternidade hierárquica, onde poderiam se estabelecer, mas sem gozar da aceitação pelas elites.

Ainda que pudessem gozar dos presentes e afagos ao receberem os homens das elites em suas casas, mulheres como as personagens de Dumas Filho e José de Alencar experimentavam viver no limbo social, portanto, aceitas apenas para um lugar que lhes era reservado, sem que pudessem estender esses laços para outra esfera de afetividades. Quando isso ocorre, os envolvidos, como Armand e Marguerite, sofrem pressões e sanções por parte da sociedade, o que pode levar a problemas para eles e para suas famílias, como lembrou o pai de Armand.

INSPIRAÇÃO E SEMELHANÇAS ENTRE OS ROMANCES

A influência de *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas Filho, em *Lucíola*, de José de Alencar, é confessada no capítulo 15 da obra do escritor brasileiro, quando Paulo surpreende Lúcia com o livro do autor francês escondido nas dobras do vestido (ALENCAR, 2018, p. 106). O que sucede na cena é um diálogo comparativo entre os amantes sobre as personagens do romance que em muito se assemelham em seus perfis, com diferenças de lugar, mas não de tempo e nem de costumes, o que ambos os textos retratam com detalhes, listados no quadro abaixo:

Quadro 1 - Comparação entre os romances *A dama das camélias* e *Lucíola*

Romances	A Dama das Camélias	Lucíola
Autor	Alexandre Dumas Filho	José de Alencar
Ano de publicação	1848	1853
Cenário	Paris e arredores	Rio de Janeiro e arredores
Época da ambientação	1847	1850
Personagens principais	Marguerite Gautier (23), cortesã, natural do campo. Armand Duval, (25 anos), natural de uma cidade francesa não nomeada, advogado recém-formado.	Lúcia, 19 anos, cortesã, natural do campo (p. 113), São Domingos, Praia de Icaraí (p. 134) Paulo Dias, natural de Olinda, 25 anos, advogado recém-formado
Personagens secundários	Gaston R, amigo de Armand e quem primeiro lhe dá informações sobre Marguerite Gautier. Ernest, que apresenta Armand a Marguerite no teatro.	Sá, 30 anos, amigo de Paulo que o apresenta a Lúcia. Ana, irmã mais nova de Lúcia. Laura

	<p>Duque que Marguerite conhece em Bagneres e que paga suas contas e a trata paternalmente. Pai de Armand, faz pressão para impedir o romance. Prudence Duvernoy, vizinha e amiga de Marguerite. Olympe, amiga de Marguerite que Armand usava para fazer ciúmes a Marguerite. Conde de N, amante de Marguerite. Duque, amante de Marguerite</p>	<p>e Nina, usada por Paulo para fazer ciúmes a Lúcia. Cunha: amante de Lúcia. Couto: amante de Lúcia.</p>
--	--	---

Fonte: Os autores do artigo

Os autores têm biografias reconhecidas pela quantidade e qualidade das obras que produzem. No caso de José de Alencar, sua produção é significativa, embora em menor quantidade posto que vive 23 anos menos do que Alexandre Dumas Filho, além de atuar intensamente como político em mandatos de deputado estadual no Ceará, chefe da Secretaria do Ministério da Justiça e Ministro da Justiça.

A riqueza de detalhes sobre os hábitos dos personagens e costumes da época revela aspectos sociais importantes como a prática da leitura, da contemplação de pinturas, teatro e música, a estratificação social demarcando o caráter de classe bem definido, como nobreza (condes, duques), profissionais liberais (advogados, médicos) e serviços (criados, cozinheiras, damas de companhia, mensageiros). Em uma comparação entre os dois autores, apresentada no Quadro 2, fica evidente a intensa atividade literária que ambos exerceram em seus períodos de vida.

Um aspecto curioso dos romances é a contabilidade detalhada que se faz para se demonstrar o custo financeiro de uma relação dessa natureza. Roupas caras e calçados comprados em lojas de reconhecido padrão sofisticado, joias bem elaboradas, leques, chapéus, carruagens, cocheiros, serviços, banquetes, festas e orgias estão presentes nas narrativas como fazendo parte do cotidiano das mulheres cortesãs:

Revi o meu livro de assentos, dando balanço à minha fortuna, que então orçava por uma quinzena de contos. Era bem pobre; mas estava independente, formado, no ardor da mocidade e sem encargos de família. Já tinha a intenção de estabelecer-me aqui; e, antes de começar a vida árida e o trabalho sério do homem que visa ao futuro, queria dar um último e esplêndido banquete às extravagâncias da juventude. (ALENCAR, 2018, p. 138).

Quadro 2. Comparação entre Alexandre Dumas Filho e José de Alencar

Autor	Alexandre Dumas Filho	José Martiniano de Alencar
Período de Vida	1824-1895, 71 anos	Vida 1829-1877, 48 anos
Naturalidade	Paris, França	Messejana, Ceará, Brasil
Educação	Instituição Goubaux e Colégio Bourbon	Formado em Direito pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo
Profissão	Escritor	Jornalista, crítico, advogado, dramaturgo, político e escritor
Romances	<p><i>Aventures de quatre femmes et d'un perroquet</i> ("Aventuras de quatro mulheres e um papagaio", 1847)</p> <p><i>Césarine</i> ("Cesarina", 1848)</p> <p><i>A Dama das Camélias</i> - no original <i>La Dame aux camélias</i> (1848) (<u>Texte en ligne</u> (Gallica)), dont une version illustrée par <u>Albert Besnard</u></p> <p><i>Le Docteur Servan</i> ("Doutor Servans", 1849)</p> <p><i>Antonine</i> ("Antonina", 1849)</p> <p><i>Le Roman d'une femme</i> (1849)</p> <p><i>Les Quatre Restaurations</i>. Série de romans historiques parue en feuilletons dans <i>La Gazette de France</i> sous les titres <i>Tristan le Roux</i>, <i>Henri de Navarre</i>, <i>Les Deux Frondes</i> (1849-1851)</p> <p><i>Tristan le Roux</i> (1850)</p> <p><i>Trois Hommes forts</i> (1850)</p> <p><i>Histoire de la loterie du lingot d'or</i> (1851)</p> <p><i>Diane de Lys</i> (1851)</p> <p><i>Le Régent Mustel</i> (1852)</p> <p><i>Contes et Nouvelles</i> (1853)</p> <p><i>La Dame aux perles</i> (1854)</p> <p><i>L'Affaire Clémenceau, Mémoire de l'accusé</i> (1866), dont une version illustrée par <u>Albert Besnard</u></p> <p><i>L'Homme-femme</i> (1872)</p>	<p>Cinco Minutos (1856)</p> <p>A Viuvinha (1857)</p> <p>O Guarani (1857)</p> <p>Lucíola (1862)</p> <p>Diva (1864)</p> <p>Iracema (1865)</p> <p>O Gaúcho (1870)</p> <p>O Tronco do Ipê (1871)</p> <p>Sonhos D'ouro (1872)</p> <p>Alfarrábios (1873)</p> <p>Ubirajara (1874)</p> <p>O Sertanejo (1875)</p> <p>Senhora (1875)</p> <p>Encarnação (1877)</p> <p>Teatro</p> <p>Verso e reverso (1857)</p> <p>O demônio familiar (1857)</p> <p>As asas de um anjo (1858)</p> <p>Mãe (1860)</p> <p>O jesuíta (1875)</p>

Fonte: Os autores do artigo.

A contabilidade se renova a cada momento em que se contrapõe ao amor interessado ou desinteressado dos amantes, em geral eles (Armand e Paulo) querendo cobrir as despesas comprometedoras das amadas com os seus clientes mais ricos e elas (Lúcia e Marguerite), tentando evitar que os seus amados enveredem pelo caminho do acerto de contas financeiras, o que as colocaria na condição de prostitutas e não de amantes desinteressadas.

No diálogo com Prudence, em *A dama das camélias*, os detalhes das contas se revelam como demonstração das preocupações e disputas entre os amantes por um status de amor e paixão que assume bônus e ônus:

- _ Vamos – disse-lhe [Armand], sem preâmbulos – responda-me francamente: onde estão os cavalos de Marguerite?
- _ Foram vendidos.
- _ A caxemira?
- _ Vendida.
- _ Os diamantes?
- _ Empenhados.
- _ E quem os vendeu e empenhou?
- _ Eu.
- _ Por que não me avisou?
- _ Porque Marguerite o tinha proibido.
- _ E por que você não me pediu dinheiro?
- _ Porque ela não queria.
- _ Para que era o dinheiro?
- _ Para pagar dívidas.
- _ Ela deve muito, então?
- _ Trinta mil francos, ainda, mais ou menos. Ah! meu caro, eu bem que lhe tinha dito. Você não quis acreditar. Pois bem! agora, está convencido. O tapeceiro, pelo qual o duque tinha respondido foi posto pela porta à fora quando se apresentou na casa do duque: este o avisou no dia seguinte que não faria nada pela senhorita Gautier. Esse homem quis dinheiro, apresentou as contas, que são os vários milhares de francos, aqueles que lhe pedi; depois, almas caridosas o avisaram que sua devedora abandonada pelo duque vivia com um rapaz sem fortuna; os outros credores foram prevenidos do mesmo modo, pedem-lhe dinheiro e fazem-lhe ameaças. Marguerite quis vender tudo, mas não dava tempo e demais eu haveria me oposto. É preciso muito pagar, e para não lhe pedir dinheiro, ela vendeu seus cavalos, seus xales e empenhou suas joias (DUMAS FILHO, 1953, p. 141).

Essas passagens em que os ajustes de contas financeiras são feitos revelam a dramaticidade da vida dessa categoria de ser humano atado a duas éticas diferentes: a que é praticada como profissão de cortesã, e a de amante tentando ser fiel e desvinculando o dinheiro do afeto.

No caso de Lúcia, semelhante cena vai ocorrer quando Paulo interpreta como infame traição uma cena em que Jacinto é flagrado passando dinheiro a Lúcia, dentro da alcova.

Corri o aposento com uma vista rápida e ansiada: o leito estava desfeito e os móveis em desalinho. O Sr. Jacinto tirara da carteira um maço de bilhetes do banco, que Lúcia escondera no seio com um expressivo gesto de contentamento. Não havia dúvida possível; as provas da infâmia eram evidentes; e, para cúmulo do cinismo, o preço, depois de regateado fora pago à vista. (ALENCAR, 2018, p. 138).

A versão que desfaz a interpretação de Paulo ocorre logo depois, na sequência de páginas, revelando o papel de Jacinto como comprador dos móveis dos quais Lúcia se desfazia para ir morar em uma modesta casa no Bairro de Santa Teresa, assumindo sua verdadeira identidade como Maria da Glória. Esse é o momento de desvinculação de Lúcia da condição de prostituta, passando a ter uma vida e identidade de mulher honrada, se é que isso era possível depois de ter sido profissional do sexo.

ROMANCES URBANOS COM REFERÊNCIAS AO CAMPO

Ambientados em cidades populosas e sedes de governo (corte) como Paris e o Rio de Janeiro, estes romances têm as passagens idealizadas como felizes ou de realização positiva ligadas ao campo. Tanto Marguerite como Lúcia têm origem no mundo rural e dele fazem referência com nostalgia e lembranças agradáveis. Mais do que isso: o desejo maior de Marguerite é passar meses com Armand numa casa no campo em Bougival; enquanto as cenas mais apaixonadas de Paulo e Lúcia se realizam na relva, em paisagens bucólicas, mesmo quando o ambiente é caracterizado por cenários luxuosos, como ocorre na casa em que Sá promove orgias e se ressentido da preferência de Paulo por permanecer mais afastado no jardim: “Ainda estás muito atrasado, Paulo. Tens o amor no meio de uma claridade esplêndida, em volta de uma mesa bem servida, sobre macios tapetes e preferes o amor bucólico ao relento e sobre a relva!” (ALENCAR, 2018, p.68).

Outra cena que ilustra a romantização associada ao ambiente natural é dada no trecho que segue, em Lucíola:

Sentamo-nos sobre a relva coberta de flores e à borda de um pequeno tanque natural, cujas águas límpidas espelhavam a doce serenidade do céu azul. Lúcia tirou do bolso o seu crochê e o novelo de torçal, e continuou uma gravata que estava fazendo para mim. Enquanto ela trabalhava, eu arrancava as flores silvestres para enfeitar-lhe os cabelos ou arrastava-me pela relva para beijar-

lhe a ponta da botina que aparecia sob a orla do vestido. (ALENCAR, 2018, p. 136).

A tomada do campo como cenário para as cenas amorosas é assumida como intencional em *A Dama das Camélias*, como fica evidente no seguinte trecho: “Sempre se associa o campo ao amor, e se faz bem: nada emoldura a mulher que se ama como o céu azul, os perfumes, as flores, as brisas, a solidão refulgente dos campos e dos bosques”. (DUMAS FILHO, 1953, p. 126)

O protagonismo das mulheres desses romances é algo que merece destaque porque não se trata de meras cortesãs, ou prostitutas de luxo, como geralmente são interpretadas. Há, nelas, distintivos que devem ser ressaltados não apenas por elas mesmas, mas pelos papéis que desempenham na sociedade e nesses romances. Nelas há virtudes reconhecidas e postas em relevo, como a beleza física, o amor próprio, a inteligência e agilidade mental para se posicionar nas diversas situações em que se veem envolvidas, a cultura manifestada em particular pelo hábito da leitura, a fidelidade aos amantes que elegeram pelo simples fato de os amarem e não pela fortuna que (não) possuem, a fortuna que deixam de herança para suas irmãs, o sacrifício que fazem pela família, seja a sua própria, no caso de Lúcia, a de Armand, no caso de Marguerite:

_A Lúcia não admite que ninguém adquira direitos sobre ela. Façam-lhe propostas mais brilhantes, sua casa é sua e somente sua; ela o recebe, sempre como hóspede; como dono, nunca. Na ocasião em que o senhor a toma por amante, ela previne-o de que reserva-se plena liberdade de fazer o que quiser e de deixá-lo quando lhe aprover, sem explicações e sem pretextos, o que sucede invariavelmente antes de seis meses; está entendido que lhe concede o mesmo direito. (ALENCAR, 2018, p. 34).

O que se projeta como abjeto nelas é o espelho dos homens que as mantêm como amantes, em que pese uma série de regras que parecem ditadas pelas circunstâncias, mas muitas vezes impostas pelas personagens femininas. Os amantes têm que respeitar agendas, horários, cumprir contratos de amabilidades, caprichos e luxo como a indumentária, a alimentação sofisticada, flores, bombons e iguarias refinadas.

Ambos os romances trazem essa outra perspectiva sobre as mulheres que nos permite vê-las em sua autonomia e para além dos estereótipos que as tornaram invisíveis em diversos momentos da História. Maria Izilda Matos problematiza a História das mulheres e os estudos de gênero, mostrando como buscaram, por diferentes fontes, inclusive literárias, romper com o silenciamento das mulheres na historiografia:

Nesta produção, os poderes e lutas femininas foram recobrados, mitos examinados e estereótipos repensados. Num leque de várias correntes de interpretações, recuperaram-se a atuação das mulheres como sujeitos ativos, de modo que as imagens de passividade, ociosidade e confinamento ao lar foram questionadas, descortinando-se esferas de influência e recuperando testemunhos femininos (MATOS, 2013, p. 7).

Em ambos os romances há marcas de protagonismo, em alguns momentos exacerbado, das mulheres que determinam quem serão e até quando permanecerão seus amantes. Elas fazem escolhas, estabelecem condições, se posicionam como autônomas, embora dependentes financeiramente dos seus mantenedores. Assumem, portanto, a autonomia em suas relações, o que se opõe à visão de que as cortesãs eram mulheres passivamente exploradas pelos homens.

No caso de Marguerite, ela mesma explicita a Armand:

Mas, eu o previno: quero ser livre para fazer o que me parecer melhor, sem lhe dar a menor explicação sobre a minha vida. Há muito tempo que procuro um amante jovem sem vontades, amoroso sem desconfiança, amado sem direitos. Nunca consegui encontrar um deste tipo. Os homens, em vez de ficarem satisfeitos de receber durante um bom tempo aquilo que deviam ter esperado receber apenas uma vez, pedem à sua amante contas do presente, do passado e até mesmo do futuro. À medida que se habituam a ela, resolvem dominá-la e tornam-se tanto mais exigentes, quanto mais se lhes dá o que querem. Se eu me decidir a arranjar agora um novo amante, exigirei que tenha três qualidades muito raras: que seja confiante, submisso e discreto (DUMAS FILHO, 1953, p. 77).

O protagonismo das mulheres é muitas vezes associado ao movimento feminista do final do século XX, mas podemos encontrá-lo evidenciado muito antes, na literatura em particular, como nos dois casos aqui analisados, em meados do século XIX. Na região amazônica, apenas a título de ilustração nesse sentido, é marcante o livro *Fêmea*, de Antônio Tavernard (2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos casos analisados nesse texto, o mote referente às mulheres que vivem como cortesãs permanece, podendo-se interpretar como uma crítica à prostituição e à compaixão pelas pessoas que padecem submissas como profissionais dessa antiga prática que funciona como uma instituição social.

Publicadas em momento de profundas transformações sociais tanto na Europa quanto no Brasil, *A Dama das Camélias* e *Lucíola* ilustram a influência da literatura

francesa em obras e autores fundamentais da literatura de língua portuguesa. Essas narrativas reforçam a crítica às desigualdades sociais, à perversidade de classes abastadas com jovens desprotegidas ou em situações de fragilidade de saúde, financeira e moral. São romances que remetem a profundas reflexões sobre o protagonismo ou não das mulheres mesmo quando em situações de inferioridade, como a das cortesãs. O que une visceralmente esses dois romances é o tema e as semelhanças que apresentam, conforme demonstrado no texto acima. Das diferenças, ressalte-se que Marguerite Gautier permanece com seu nome do início ao fim do romance, enquanto Lúcia, nome que dá título ao romance por um derivativo irônico que remete a mariposas, no final do livro assume seu nome verdadeiro, Maria da Glória, abandonado quando se afasta da família, renegada pelo pai, que salvara justamente com sua entrega a um homem por necessidade de dinheiro para cuidar da saúde da família.

Nos dois romances, as protagonistas aparecem não como passivas ou submetidas a homens, mas exercendo autonomia, escolhendo seus parceiros, rompendo com os estereótipos e ampliando as possibilidades de compreensão do cotidiano das mulheres na França e Brasil, no século XIX. Maria Izilda Matos analisa que é necessário buscar outras metodologias para trazer as mulheres ao centro do palco em outros momentos da História, pois “[...] os silêncios e invisibilidades serão transpostos usando de criatividade, sensibilidade e imaginação” (MATOS, 2013, p. 11).

Desta forma, a investigação na literatura, em obras importantes, como *A dama das camélias* e *Lucíola*, abre outras possibilidades de olhar para as mulheres, através da força das protagonistas em meio aos cenários do século XIX. Os artifícios literários para redimir tanto os personagens principais, quanto os secundários nessas obras, merecem atenção. Sua releitura se faz necessária como material importante para compreensão da sociedade brasileira e francesa do século XIX.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. *Lucíola*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2018.

BELLO, João Alfredo Dal. História e Literatura: referências e reverências. *Letras*. Curitiba, n. 49, p. 21-34, 1998.

DUMAS FILHO, Alexandre. *A dama das camélias*. São Paulo: Saraiva, 1953.

LAGRAVE, RM. *Le village romanesque: 1950-1960*. Arles-França: Le Paradou, Bouches du Rhône, Actes Sud, 1980.

MATOS, Maria Izilda. História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. *Mandrágora*, São Paulo, v. 19, n. 9, p. 1-15, 2013.

MENEZES, Magali Mendes de. Por que as mulheres e a Filosofia. In: CARVALHO, M. J. S.; ROCHA, C. M. F. (orgs.). *Produzindo gênero*. Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 122-132.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. *Corporeidades... Inspirações Meleau-Pontianas*. Natal: Editora do IFRN, 2016. Disponível em https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/970/CORPOREIDADE_EBOOK_OK.pdf?sequence=1;Page#page=287. Acesso em: 15.10.20.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

PARADIS, Clarisse Goulart. A prostituição no marxismo clássico: crítica ao capitalismo e à dupla moral burguesa. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 3, p. 1-20, 2018.

PERROT, Michelle. *Os excluídos na História: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PORTO, Ângela. Representações sociais da tuberculose: estigma e preconceito. *Revista Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 41, supl. 1, p. 43-49, 2007.

RONDINELLI, Bruna Giselda da Silva. A dama das camélias desembarca no Rio de Janeiro: encenações e recepção crítica. *Miscelânea*, Assis, v. 14, p. 101-121, 2013.

SANTOS, Silvia Pereira. Caminhos do drama burguês: de Diderot a Alexandre Dumas Filho. *Darandina*, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 1-15, 2008. Disponível em <https://www.ufjf.br/darandina/files/2010/02/artigo20a.pdf>. Acesso em 13.10.20.

SARAIVA, Luiz Junior Costa. *Lúcia, Maria, Carmem: mulheres em trânsito*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Belém: UFPA/CFCH/DEAN, 2002

SARAIVA, Luiz Junior Costa. *O renascer de Vénus: prostituição, trabalho e saúde em tempos de Sida*. Lisboa: ICS-Universidade de Lisboa, 2014.

SILVA, Maria Teresinha da. Alexandre Dumas: leituras machadianas e permanência do escritor na atualidade. *Garrafa*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 47, p. 280-301, 2019.

SCHOENBORN, Ulrich. “Crucificado sob Pôncio Pilatos”: a busca de sentido na interpretação da morte de Jesus no Novo Testamento. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 35, n. 1, p. 52-66, 1995.



TAVERNARD, Antônio. *Fêmea*. Belém: Editora Paka-Tatu, 2011.

TRONCA, Ítalo. Foucault e a linguagem delirante da memória. In: RAGO, M.; ORLANDI, L. L. B.; VEIGA-NETO, A. (orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 199-216.